

Orgão Spirita

REDACTORES DIVERSOS

N. 87

Bondade do coração e bondade es-
piritual, justiça, lealdade, riqueza
d'alma: é o apanagio de todos com o
tempo. O que se chama *reincarnação*
entre os espiritas, nós espirituas-
tas de uma ordem independente e
mas generalizada, nós quereríamos
denominar-o *reconexão*. E porquê
não? Com esta palavra, os ignoran-
tes nos comprehenderiam.

Ha a revicencia dos vivos terres : é isto indiscutivel. Os factos que estabelecem esta verdade são numerosos. A logica mais refractaria ás ideias espiritalistas, não lhe podem absolutamente oppôr argumentos contrarios verdadeiramente serios.

As faculdades innatas são provas manifestas de que já se conhecem causas que se estudam ; por isso aprende-se, neste caso, quasi sem ler. Se recorda.

Limitemos aqui nossas demonstrações; é uma historia que se nos pede, a historia á que damos por titulo—ORIGEM DESCONHECIDA DO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA.

D' A Luz

(Continua)

Olho por olho, dente por dente

Per Amalia D. Sóler

(Traducção)

Continuação.

Chegamos enfim a um becco sujo e hediondo, entramos em uma casa onde se respirava um ambiente mephitico.

No fim de um pateo comprido e estreito, entramos em um compartimento, onde algumas mulheres rodeavam uma miseravel cama, se tal nome merecia uma velha enxerga estendida no chão humido e frio. Uma mulher occupava aquelle pobre leito, e ao vel-a, não pude conter um grito:

Clemencia moribunda estava ante meus olhos.

A enferma movera-se ligeiramente como querendo dar um gemido.

O sacerdote inclinou-se como para reconhecê-la e disse com accento pensativo: si eu tivesse sabido que me chamavas para assistir a Clemencia, não teria vindo, porque vestida e calçada poderia ir-se para a gloria que bem dezaçada é por esta pobre martyr.

Ajoelhou-se, orou breves momentos, abraçou a enferma e sahio dizendo: deixai-a dormir, amanhã voltarei a vel-a. Minha mulher deu algum dinheiro a uma daquellas mu-

lheres e sahio tristemente preocupada dizendo-me, que no dia seguinte voltaria acompanhada de seu medico.

Nada lhe repliquei, mas logo que chegamos em casa sahi novamente e fui ter com um celebre medico, amigo meu, e o levei a ver Clemencia, que continuava immersa em um profundo lethargo.

Meu amigo observou-a com tristeza e me disse—esta noite deixará ella de existir.

Sem despertar deste somno ? lhe perguntei eu.

Oh, se queres que ella desperte, despertará, respondeu-me elle, tirando do bolso um frasco que continha um elixir do qual derramou em seus labios algumas gottas; mandou sahir as duas velhas que velavam pela moribunda.

Abriu Clemencia os olhos, e então meu amigo fez-lhe beber o resto daquello cordial. Momentos depois umas lagrimas rolavam pelo seu rosto pallido e reclinando sua cabeça em meu hombro me disse com voz quasi imperceptivel; enfim, avieste; quanto tempo estiveste separado!

Porque tardaste tanto?

Eu não sabia o que responder-lhe: a dor e o arrependimento mais horrivel fizeram-me um nó na garganta; só pude murmurar; «perdoa-me, fui um miseravel!»

—Fez muito tempo que te perdoo, ei, para que Deus e meus Pais me perdoem tambem.

—E que foi feito de ti, minha Clemencia? como tens vivido?

—Breve é minha historia: «Quando fizeram tres mezes que havias partido, veio um anjo fazer-me companhia; tres annos viveu comigo, e logo estendeu suas azas e foi-se para o ceul Pobre filha minha! Morreu muito a tempo.

—Porque?

—Porque eu, de tanto chorar, fiquei cega; minha aia veio buscar-me em Cadix e trouxe-me á Madrid onde a sciencia ponde mais que minha dor e tornei a ver a luz do dia.

Haviamos esgotado todos os nos-

sos recursos: empregamos-nos em cozer para poder viver; minha aia, porem, morreu em meus braços.

Este triste successo, me fez pedir esmolas para levar um pão aos meus labios; por fim, cahi enferma e estive no hospital muitos mezes.... depois me expelliram dalli porque a minha molestia tornou-se chronica, e ultimamente encontrei uma boa alma que me deixou viver aqui, e fiquei contente de viver na solidade para que nada me distraisse e podesse constantemente pensar em ti. E tu, diz-me: que tens feito?

La lhe responder sem saber o que dizer, quando meu amigo poz um dedo nos labios e me indicou com seu olhar que eu observasse Clemencia. Ella havia fechado os olhos e de sua pequena bocca cahiram algumas gottas de sangue que recolhi em meu lenço.

De novo abria^{as} os olhos dizendo com voz quasi extincta: «Graças, meu Deus! Finalmente pude vel-o; morro feliz... e cahio sobre o travesseiro para não levantar-se mais.

Meu amigo quiz retirar-me daquelle funebre lugar, mas todos os esforços foram inuteis; permaneci pregado ante aquelle cadaver, sentindo um remorso sem limites, e um amor immenso, louco... Desesperado, louco, sem fãsem crenças, sem consolo algum, acompanhei até o cemiterio a sombra de minha vida, e depois febril, offegante, sem consciencia do que fazia, fugindo de mim mesmo corri... corri ao acaso e precipitei-me no canal, terminando violentamente minha abominavel existencia.

VII

Quão enganado está o homem julgando que com o suicidio acaba seu tormento!

Todo o tempo que restava ao mem na terra para cumprir sua piação, permanece na erratici sentindo a violenta agitação; eu por mim sei is contemplava turva e nella daver que em terra e corrente.

a inexplicavel impressão e angustia indefinivel que experimentára ao morrer.

Não sei quanto tempo estive assim, porque no esoaço não se conhece o limite dos annos; mas quando se completou o prazo da minha vida, appareceu o espirito da Clemencia, que me disse:

«—Desgraçadô! tua obsecção nos separou na terra e por muito tempo nos esperará na erraticidade. Encarnate de novo, escolhe a provação e si a soffreres com resignação, recuperarás alguma coisa do que perdeste.»

Desappareceu a fulgente visão, e eu pedi a Deus uma existencia de martyrio e humilhação, já que tão orgulhoso e tão infame havia sido em minha vida anterior.

VIII

Voltei á terra e escolhi uma familia rica: filha unica que eu era, meus pais me adoravam.

Perdi os ainda creança ficando em poder de tutores que quasi absorveram minha fortuna, gastando eu o resto na minha maioridade com a liberdade a mais desenfreada.

Qual outra, impudica Messalina, lancei-me na vida do vicio, e como nessa renda, dado o primeiro passo, vai-se descendo até afundar-se no abyssmo, eu deixei de ser mulher para converter-me em cousa, até que chegou um dia que esgotada minha belleza, pobre e isolada, olhei em torno de mim e chorei amargamente, porque todos fugiam de mim como se tivesse lepra.

Tinham razão: eu tinha lepra na alma. arde conheci meus erros.

Tão escandalosa havia sido minha tão publica minha humilhação não encontrei lugar onde nem casa onde servir; a sorepellio, a fome fazia sensações convulsões, e meu

ospitales,
o vis-
am-

paró, porque soffri com resignação meus acerbos tormentos.

Quando deixei esse mundo veio ella ao meu encontro, e me disse que eu havia feito minha jornada a passos dobrados e pue em minha proxima encarnação voltaria á terra em melhores condições, porque soubera soffrer e reconhecer minha culpa.

Adeus, Amalia, parece-me mentira que eu tenha deixado meu audrajoso envoltorio; a luz me cerca e sinto em mim renascer alguma coisa de grande, que jamais senti nesse sombrio e triste planeta. Conservo gratidão para contigo, pela compaixão que te inspirei: tu és a unica recordação grata que tenho desse mundo.

Adeus, continua resignada com o peso de tua cruz até chegar ao Caravario, e encontrarás depois da morte o que nunca poderás imaginar nem entrever nesse desterro: *Luz Vida e Verdade*. Adeus!

IX

Este resumo de duas existencias foi obtido em diversas Sessões. Eu, deixando-lhe toda a verdade historica, tratei unicamente de abrevial-o o mais possivel para evitar que se tornasse demasiado extenso, como artigo para um jornal.

Esta narração mostra que não se derrama uma lagrima que não tenha sua razão de ser, que ninguém soffre sem bavel-o merecido, e finalmente que tudo é como deve ser.

Amalia D. Soler.

Succinta Historia dos Papas

(Traducção)

(Continuação)

SEculo III

São Zeferino—Este cobarde bispo abandonou aos fiéis, escapando de Roma quando Severo ordenou a perseguição dos christãos, voltando a dita cidade quando cessou a mesma perseguição.

Foi elle quem preparou o terreno para a dominação papal, que seus successores continuaram sempre em maior progresso.

Segundo o cardeal Lorena «O primeiro seculo da igreja foi de ouro, porém a medida que iam desapparecendo da igreja os verdadeiros apostolos, a corrupção foi se augmentando, e o despotismo do clero cahio sobre os povos.»

São Calixto I—Baronio afirma que Calixto inventou os vasos de prata para a igreja, contrariando a Christo, que não queria ouro nem prata nos templos. Morreu em 226.

São Urbano I—Diz-se que elle foi quem organisou a tabella, pela qual os padres deveriam receber do povo a oferta de seu trabalho. Morreu em 233.

São Ponciano—Foi desterrado por Severo, segundo asseguram, não por causa de religião, mas sim por querer revolucionar o imperio. Morreo em 235.

São Antero—Em seu tempo Julio o Africano publicou sua *Historia Universal*, na qual afirma que a maior parte do que contem na Biblia é apocripa, citando a historia de Susana, a de Bel e a de Dragão, que, segundo elle, não figuram nas edições judias anteriores a destruição de Jerusalém e a ruina de Judéa. Morreo em 3 de Janeiro de 236.

São Fabiano—Sabe-se por tradição que Fabiano introduziu a renovação do oleo da Santa Chrisma na 5ª feira Santa, queimando na igreja o do anno anterior. Morreo em 20 de Janeiro de 250.

Ficou vaga a cadeira romana durante algum tempo, porque muitos bispos se occultavam ou fugiam vergonhosamente para illudir a perseguição. O bispo de Carthago, Cypriano, teve a ousadia de dizer que abandonava sua cadeira por mandado de Deos.

São Cornelio I—Varios cléricos lhe accusaram de estar em relação com os bispos que faziam sacrificios aos idolos e de haver abjurado secretamente por occasião das perseguições. Morreo em 253.

São Lucio—Nesta época escreveu São Cypriano um tratado de moral em vista da escandalosa conducta do clero.

São Estevão I—Fallando de Estevão, escreve São Cypriano ao bispo de Cesarea: «E' orgulhoso, tanzaz, arrogante, inimigo dos christãos, defensor da causa dos heroges contra a igreja de Deos e da tradição mundana sobre a inspiração divina.» Se dissa que elle morreo no carcere em 257.

São Sixto II—Cadendo as opiniões dos bispos d'Africa, concluiu a questão do baptismo. Morreo atormentado em 6 de Agosto de 258.

Durante um anno ficou vaga a cadeira romana. O prefeito Cornelio ordenou a São Lourenço que entregasse os vasos de ouro e prata, os candelabros e demais thesouros que a igreja possuia dizendo-lhe: «Mostrai esses thesouros occultos, o principe os necessita, e deveis, segundo vossa doutrina, dar a Cesar o que é de Cesar. Eu supponho que vosso Deos não cunhou moeda, não trouxe dinheiro quando veio ao mundo: não teve mais que palavras, dai, pois, vosso dinheiro e ficai com as palavras.»

São Dionizio—Paulo de Samosata, bispo de Ataxandria, ensinava no seu tempo as maximas do Evangelho, chamando a Christo, homem, e não Deos, e sem dizer nada dos dogmas e ecclesiasticos.

Morreo em 269.

São Feliz.—Achou a igreja perturbada com as doutrinas de Samosata. Morreo 24 de Dezembro de 274.

São Eutiquiano. —Para atalhar a heresia de Manes, que prohibia comer fruta, ordenou aos sacerdotes que consagrassem as uvas e mansas. Morreo 8 de Dezembro de 282.

São Cayo — Quando Diocleciano começou sua terrível perseguição contra os christãos, apelou para a fuga deixando abandonados aos martyrios a legião Tebana. Morreo em Abril de 296.

(Continúa)

Os mortos

Não digais que são mortos os que em calma Desfrutam doce paz na campã fria;

Mortos são os que moria tem a alma
E vivem todavia.

Com a denominação de *mortos* designou a generalidade dos homens os seres que deixaram de viver em meio de nós outros, ou melhor os que se subtrahiram nos nossos olhares e se puzeram fora da acção dos nossos sentidos physicos. Mas como estamos longe da verdade ao chamarmos *mortos* aos que não fizeram outra coisa sinão mudar de forma e que continuam actuando sobre o plano da vida terrestre, nem mais nem menos, como nós mesmos!

A linguagem humana, sempre insufficiente para exprimir com propriedade as ideias, não é mais que *sons convencionaes*, inteiramente semelhante nisto á linguagem dos animaes irracionaes, segundo o compreveio a sciencia com numerosas experiencias modernas.

Chamamos *nada* ao que supponmos *vacuo*, e o *nada* e o *vacuo* não existem: são simplesmente ideias abstractas, como o são tambem um sem numero de palavras, taes como *virtude*, *viço*, *amor*, *amizade*, *patriotismo*, etc.

A morte não existe, porque ella a inercia, a negação; e no mundo cosmico tudo é *vida*, *realidade*.

Tracemos uma unidade—1—e juntemos á sua direita e a sua esquerda tantos *zeros* quantos pudermos conceber. Lendo este numero para a direita, achal-o-emos tantas vezes maior, quanto menor o acharemos ao considerar o lugar que occupa a unidade considerada á esquerda. A direita faz-se cada vez maior; a esquerda será cada vez menor. Mas sempre existirá um numero derivado da unidade, augmentada ou diminuida em seu valor; mas numero, emfim. O numero não se destroe nunca.

A agua não perderá a sua qualidade peculiar de agua, já consideremol-a liquida, solida (gelo), gazosa (vapor), já esteja fria ou quente, incolor ou tinta com alguma cor. As suas propriedades physicas, chimicas, therapeuticas, etc., serão as que mudam, mas não a sua essencia.

Quo a parte material do homem não se destroe por causado phenomeno a que chamamos *morte*, não julgamos necessario demonstrar: é uma verdade axiomática, accetida pela sciencia.

Trataremos só do que ao espirito se refere, para demonstrar que elle não perece tam pouco.

A escola materialista nega a existencia da alma, e affirma que o que produz a vida é a acção do conjun-

cto dos elementos que constituem o corpo do homem.

Pois bem: sirvamo-nos de um exemplo muito material para provar que essa *acção*, a que a escola espiritualista chama *alma*, não se destroe. Supponhamos um vasilha de barro cheia de agua. Si a vasilha se quebra em mil fragmentos, a agua cai na terra: nem a vasilha nem a agua se perdem ou perecem, pois a materia da vasilha se transforma em atomos e a agua passa da terra á atmosphera.

A *acção* dos elementos do corpo humano (a *alma*), quando já não actua em conjuncto, expande-se para actuar no mundo cosmico e vem a ser o que os orientalistas chamam o *astral*, que é um atomo, digamol-o assim, ou melhor a essencia do ether, da luz, do calor, da electricidade (que tudo é a mesma causa), que por todas as partes nos circunda, que tudo penetra, que está em contacto porenne connosco.

A morte, pois, é vida, porque a transformação não cessa: é movimento perpetuo, e força, é actividade.

«Deixai que os mortos enterrem os seus mortos», disse um dia o simples philosopho mazarita, e o seu dito não foi então comprehendido, nem o tem sido até agora. Será, em bargo, nada mais claro. Elle quiz dizer: «Vós que estais crendo na morte, vós os *viventes mortos*, preoccupai-vos com esta ideia muito em consonancia com a pequenez do vosso criterio; chorai os e entalrai-vos e fazei todas as demonstrações de dór que quizerdes. Vós não alcançais comprehender a immortalidade da materia nem a immortalidade da alma.»

Afastemos de nós as ideias abstradas, que são a demora do nosso progresso intellectual.

Nada parece: tudo é eterno.

A morte, para falar philosophicamente, não existe.

Esse phantasma pavoroso que só amedronta as imaginações frías, ou os homens de falso criterio, esse phantasma tetrico que as religiões procuram fazer apparecho de terror e espanto, é r tantas accões da natureza.

Morrer, comer, saltar, cantar, tudo é o mesmo.

Não nos preocupemos com os mortos sinão com os bons actos e com seguir o se-